

## Convivência em Assis

### Notas da palestra de Padre Paolo Prosperi

Sexta-feira, 24 de março de 2023

#### 1. A caminho da liberdade

Todos os anos, na Quaresma, a Igreja nos convida a deter nosso olhar na grande epopeia do Êxodo de Israel da escravidão do Egito para a terra prometida, a terra da liberdade, que não é a América – a da canção que, não por acaso, quis que vocês ouvissem<sup>1</sup> –, mas sim a terra de Canaã, onde «jorra leite e mel».

Podíamos, com toda a legitimidade, perguntar-nos: por quê? Se já fomos «libertados do jugo maligno», como se canta num hino de Quaresma familiar para muitos de vocês, por que há sempre necessidade de um novo êxodo? Somos livres ou não somos livres? Cada um de nós o sabe e pode responder por si: em parte sim, e em parte não. E isto por muitas razões, uma das quais é o fato de haver muitos *Egitos* que nos mantêm prisioneiros, não há apenas um. Há muitas formas de escravidão na nossa vida e, sobretudo, há sempre novas surgindo, com o mudar das circunstâncias e da mentalidade que domina o ambiente em que vivemos – uma mentalidade que, como insistentemente ressalta a Escola de Comunidade que estamos fazendo, exerce inevitavelmente um poder de sedução sobre nós, quer nos demos conta disso, quer não. Qualquer época, qualquer momento histórico, tem o seu “Egito invisível”. Ou seja, o ambiente é caracterizado por uma determinada ideologia dominante, por uma determinada mentalidade que domina a sociedade e se torna um desafio para o cristão, ou seja, tentação, prova, e precisamente por isso, ao mesmo tempo, *ocasião* de amadurecimento e enriquecimento. Porque até mesmo a tentação, se for atravessada e vencida com a espada do discernimento – para usar um termo querido do Papa Francisco – nos torna mais conscientes e fortes e, por isso, paradoxalmente, enriquece-nos:

*É impossível viver dentro de um contexto geral sem ser influenciado por ele [...]. No nosso espírito inquieto e confuso está presente a mentira da mentalidade de hoje, da qual nós mesmos participamos, uma vez que nós também somos filhos desta realidade histórica que é o humano, e temos de passar por todos os mal-estares, as tentações, os resultados amargos, mantendo a esperança que é a vida da vida.<sup>2</sup>*

Perguntemo-nos então: qual é hoje o Egito no qual mais ou menos todos vivemos, respirando seu ar, quer gostemos quer não? Poderíamos dizer muitas coisas. Eu hoje quero deter-me com vocês sobretudo num aspecto particular deste novo “Egito”, que vou descrever indo buscar inspiração num livrinho de um interessante filósofo coreano germanizado, Byung Chul Han, que um amigo me apresentou

---

<sup>1</sup> The Bay Ridge Band, “New creation”, do CD *Spirituals and songs from the Stoop*, 1999, © Euro Company.

<sup>2</sup> L. Giussani, *Dar a vida pela obra de Outro*, São Paulo: Cia. Ilimitada, 2022, pp. 92-93.

recentemente. O título do livro é *A sociedade do cansaço*, e aconselho sua leitura especialmente aos apaixonados por Vasco Rossi, sendo Han (assim disseram!) um dos seus pensadores de referência. Vamos então começar!

## 2. Uma nova (porém antiga?) escravidão: a sociedade da prestação

Uma das cenas que sempre achei mais impressionantes no Livro do Êxodo é logo no início, quando o autor sagrado, com duas breves pinceladas, descreve o sofrimento dos filhos de Israel no Egito, obrigados a trabalhar como bestas de carga, sob os golpes de chicote dos algozes, para construir a cidade do Faraó. Lembro que quando era pequeno, todas as vezes que via na televisão o velho filme *Os dez mandamentos*, de Cecile De Mille, a parte que mais me comovia era precisamente a inicial, quando se via aquela enorme multidão de homens, incluindo velhos e crianças, que trabalhavam como bestas nas obras das pirâmides. Eu era uma criança, mas sabe-se lá por quê, ao ver aqueles seres humanos chicoteados como mulas, comovia-me até as lágrimas, quase como se o meu coração intuisse que, na realidade, naquelas cenas havia alguma coisa que tinha muito a ver comigo, ainda que não soubesse dizer o que era:

*<sup>11</sup>O faraó estabeleceu, pois, feitores para oprimi-los com trabalhos forçados, e assim construíram para o faraó as cidades-armazém de Pitom e Ramsés. [...] <sup>13</sup>Os egípcios tiveram, então, medo dos israelitas, e impuseram-lhes dura escravidão. <sup>14</sup>Amarguraram a vida deles com o pesado trabalho de preparar barro e tijolos, com toda sorte de trabalhos no campo, e com todo o serviço que lhes impunham com dureza. (Ex 1,11-14)*

Ora, penso que estamos todos de acordo sobre o fato de que esse tipo de escravidão já não é o dominante na nossa sociedade de hoje. Se o marxismo falhou, pelo menos na sua versão clássica, é precisamente porque a dialética servo-patrão, oprimido-opressor, parece já não descrever a realidade da sociedade neoliberal em que vivemos hoje. O italiano médio – generalizemos: o homem ocidental médio –, em geral, pôde mais ou menos escolher os seus estudos (imagino que quase todos vocês possam dizer isso) e muitas vezes também o seu trabalho (não sempre, claro). Se se empenhar, recebe prêmios, faz carreira e, sobretudo, ganha um bom dinheiro. Os mais sortudos exercem uma profissão da qual gostam e podem mudar se não gostarem, ou então arranjam outra que os atraia mais. A escravidão foi então ultrapassada? Chegou então o tempo em que o homem pode finalmente «viver do trabalho de suas mãos», como diz o salmo (Sl 128,2)? A resposta, segundo o nosso filósofo, é não. À escravidão material sucedeu outra mais enganadora e paradoxal, mas não menos devastadora. Qual escravidão? Numa frase, que, no entanto, devemos decifrar: a escravidão do desempenho, ou, para utilizar (como é obrigatório!) o termo inglês, da performance.

Parte da famosa mudança de época que estamos atravessando consiste talvez exatamente nisto: no fato de que passamos – como diz Han – da sociedade disciplinar, feita de obrigações, deveres e proibições impostos pela ordem estabelecida (encarnada pela família, Igreja, Estado, etc.), à *sociedade do*

*desempenho*, na qual, em teoria, já não existem obrigações, deveres, a não ser o de nos “promover” e nos “elevar” a nós mesmos, o que, essencialmente, significa: ganhar dinheiro e afirmar-se socialmente, demonstrando ser alguém que sabe “fazer a diferença”. «*You are the difference you make in the world*», era o grande mantra que ecoava por todo lado, quando eu estava nos EUA: «Você existe, é alguém, na medida em que faz a diferença». Não importa no quê. O importante é que faça.

*A sociedade do século XXI não é mais a sociedade disciplinar, mas uma sociedade de desempenho. Também seus habitantes não se chamam mais “sujeitos da obediência”, mas sujeitos de desempenho e produção. São empresários de si mesmos.*<sup>3</sup>

Entende-se, assim, por que falei de escravidão *paradoxal*. Paradoxal é o que parece contraditório mas, pelo contrário, feitas as contas, se revela correspondente à realidade. No nosso caso: quando pensamos num escravo, pensamos num homem submetido a outro homem, a ponto de este outro (o patrão) poder fazer daquele o que quiser, ou seja, poder *explorá-lo*. Ora, na sociedade da produção – defende o nosso filósofo coreano – acontece uma coisa diferente, “paradoxal”, precisamente. Acontece aqui que o empreendedor e o operário, o explorador e o explorado, passaram a ser a mesma pessoa. É você que se explora, no sentido de que se cansa já não para agradar a outrem, mas para obedecer à sua própria necessidade de se sentir produtivo, bom, um “grande” (para resumir). E por isso, trata-se de uma escravidão, em certo sentido, ainda mais opressiva do que a exterior ao servo ou ao proletário:

*O tu podes exercer inclusive mais coerção do que o tu deves. A autocoerção é muito mais fatal do que a coerção alheia, pois não é possível haver nenhuma resistência contra ela. Por trás da aparente liberdade do indivíduo singular, o regime neoliberal esconde uma estrutura coercitiva; a partir daí o indivíduo passa a não mais compreender a si mesmo como sujeito submisso, mas como **projeto lançado**. [Você é que se faz a si mesmo, é o famoso ideal do self-made man.] É nisso que está sua astúcia.*<sup>4</sup>

*Com isso [Chul Han reforça a dose], nos vemos colocados numa situação paradoxal. A liberdade é propriamente a contrafigura da coação. Ser livre significa ser livre de coações. Apenas que essa liberdade, que tem de ser o contrário da coação, gera ela própria coações. As enfermidades psíquicas como a depressão ou o burnout são a expressão de uma profunda crise da liberdade [aquela mesma liberdade que parece ser o valor supremo da nossa sociedade, defende Han, a liberdade a que foi consagrada a estátua símbolo da América, é na verdade um dos valores que mais*

---

<sup>3</sup> Byung Chul Han, *Sociedade do cansaço*, Petrópolis: Vozes, 2015, p. 23.

<sup>4</sup> Idem, *Agonia do Eros*, Petrópolis: Vozes, 2017, p. 25.

*está em crise hoje]. São um sinal patológico de que hoje a liberdade está se transformando em coação.*<sup>5</sup>

Como comentário a estas linhas lúcidas, queria chamar a atenção para dois aspectos. Primeiro, o sujeito de produção, ainda que pareça não ser escravo de ninguém,<sup>6</sup> é de fato escravo, porque vive uma relação com seu trabalho e, de forma geral, com sua ação<sup>7</sup> em tudo semelhante à do escravo. O escravo vive *no medo e na angústia de errar*, porque sabe que, se errar, se não fizer tudo o que se espera dele, ficará frustrado. O *sujeito de produção* não tem medo do chicote dos outros, mas sim do chicote do seu próprio “ego” (ou melhor “*super-ego*”), que lhe diz que, se não conseguir, não vale nada.

E mais: o escravo *não gosta de trabalhar*, porque, por norma, leva a cabo tarefas humilhantes, quando não mesmo esgotantes. Aparentemente, o contrário é verdade para o sujeito de produção. Este se empenha em atividades em que busca prestígio e gratificação. No entanto, obcecado como está com a ansiedade pelos resultados, ele acaba por, ironicamente, não conseguir apreciar o que faz, ainda que talvez tenha uma profissão que, por si só, lhe agradaria. «Emaranhado num inatingível Eu-ideal»,<sup>8</sup> acaba por ficar esgotado com o trabalho tanto quanto o escravo.<sup>9</sup> Daqui, segundo o filósofo coreano,<sup>10</sup> o alastrar de *depressões e burnouts*:

*A lamúria do indivíduo depressivo de que nada é possível só se torna possível numa sociedade que crê que nada é impossível. Não-mais-poder-poder leva a uma autoacusação destrutiva e a uma autoagressão [...].<sup>11</sup> O sujeito de desempenho explora a si mesmo, até consumir-se completamente (burnout). Ele desenvolve nesse processo uma autoagressividade, que não raro se agudiza e desemboca num suicídio. O projeto se mostra como um projétil, que o sujeito de desempenho direciona contra si mesmo.<sup>12</sup>*

Temos todos ainda diante dos olhos e no coração um exemplo trágico recente da perspicácia deste diagnóstico. Como não nos lembrarmos daquela pobre garotinha de dezenove anos, que tirou a própria

---

<sup>5</sup> Idem, *Sociedade do cansaço*, op. cit., pp. 117.

<sup>6</sup> «A supressão da instância de domínio externa não elimina a estrutura de coação. Ela, antes, unifica liberdade e coação. [...] O excesso de trabalho e desempenho agudiza-se numa autoexploração. Essa é mais eficiente que uma exploração do outro, pois caminha de mãos dadas com o sentimento de liberdade. O explorador é ao mesmo tempo o explorado. Agressor e vítima não podem mais ser distinguidos. [...] Os adoecimentos psíquicos da sociedade de desempenho são precisamente as manifestações patológicas dessa liberdade paradoxal» (Ibidem, p. 30).

<sup>7</sup> Permito-me sublinhar que a atitude que o sujeito de produção vive em relação ao trabalho entendido como profissão tende a tornar-se (ou, pelo contrário, exprime) uma postura espiritual e psicológica totalizante que invade todas as esferas – vida moral, relações familiares, vida sexual, relações sociais, etc. Veja-se, a este respeito, Byung Chul Han, *Agonia do Eros*, op. cit.

<sup>8</sup> Ibidem, p. 95.

<sup>9</sup> Em jargão marxista, dir-se-ia que o sujeito de produção não é menos *alienado* do que o operário do século XIX, porque também ele tende a identificar o valor da sua pessoa com o produto do seu fazer.

<sup>10</sup> Vale a pena referir que a Coreia do Sul é o país em que, se não me engano, se regista ainda hoje o número mais alto de horas de trabalho *per capita* do mundo (ou um dos mais altos).

<sup>11</sup> Byung Chul Han, *Sociedade do cansaço*, op. cit., p. 29.

<sup>12</sup> Ibidem, p. 101.

vida no banheiro da IULM (universidade italiana, *ndt.*) porque se sentia uma fracassada. Claro, é sempre errado e redutor explicar uma tragédia pelo contexto social ou cultural. Cada vida humana é um mistério único e irrepitível, em cujo abismo só o olhar de Deus penetra verdadeiramente. No entanto, a pergunta surge, espontânea: como é possível sentir-se uma fracassada com *apenas 19 anos*, quando se tem ainda toda a vida pela frente? É possível – permitam-me a sugestão – se se vive num ambiente no qual, de manhã até a noite, somos bombardeados por uma única e insistente mensagem: você é a sua performance.

Segundo aspecto: a referência de Han à astúcia do regime neoliberal não pode senão fazer-nos pensar no astuto por excelência, a Serpente Antiga (Gn 3,1ss; Ap 12,9), o “Faraó dos faraós”. Com efeito, o (neo)liberalismo parece realizar melhor do que qualquer outra ideologia que o precedeu o sonho de qualquer faraó que se respeite, que é o de ter escravos que não saibam que o são e, portanto, o são mais. Não é por acaso que São João chama o diabo de pai da *mentira* (Jo 8,44): a arma do grande inimigo de Deus e do homem, desde sempre, foi com efeito o engano, a miragem, a mentira. Ora, onde está aqui o âmago do engano? Chego assim ao terceiro ponto.

### 3. Na raiz do mal-estar: o *self-made man* e o esquecimento do Deus *tudo em tudo*

O erro – dizia Chesterton – é uma verdade enlouquecida. Ou seja, é uma meia-verdade, uma parte da verdade que é absolutizada como se fosse tudo. Não é por acaso que a palavra *Diabo* (*de diaballo = dividir*) significa *divisor*. O Diabo *divide* muitas coisas: o homem de Deus, a mulher do marido, o amigo do amigo, etc. Mas antes ainda – basta ler com atenção o relato da queda, em Gn 3,1-7, para nos darmos conta disso – ele é divisor no sentido em que instiga a separar uma da outra *as partes* da verdade total, levando-nos a agigantar uma e a *esquecer-nos* das outras. É isto a idolatria. A idolatria não é apenas adorar estátuas e bezerros de ouro.<sup>13</sup> Pelo contrário, é também e sobretudo agigantar uma parte, uma parte que reluz e atrai o olhar e acaba por se identificar arbitrariamente com tudo.

Ora, qual é, no nosso caso, a parte da verdade agigantada? Esta: é de fato verdade que o homem é concebido para poder incidir sobre a realidade, para melhorá-la com suas obras; é verdade que o homem não pode realizar-se, não pode ascender – usamos uma palavra bíblica – à “glória” para a qual é feito, ou seja, à sua estatura plena, senão consumindo-se, senão trabalhando para melhorar a realidade, fazendo uso de toda a sua genialidade e criatividade. Dom Giussani gostava de citar o salmo 8, para explicar esta ideia:

*Quando vejo os teus céus, obra dos teus dedos,  
a lua e as estrelas, as coisas que criaste,*

---

<sup>13</sup> Note-se que, segundo a Bíblia, o traço distintivo do ídolo é ser feito pelas mãos de quem o adora: «Construíram um bezerro no Horeb e adoraram uma estátua de metal; eles trocaram o seu Deus, que é sua glória, pela imagem de um boi que come feno» (Sl 106,19-20). Efetivamente, isto é verdade, se olharmos bem não só para o ídolo em sentido próprio (estátua, imagem, etc.), mas também para qualquer outra forma de idolatria, por exemplo, da mulher amada, de um cantor, de um líder político, etc. Em todos estes exemplos, é verdade, trata-se de uma “fabricação” metafórica ou mental. No entanto, trata-se sempre de “fabricações”, dado que, ao identificar uma determinada pessoa ou uma determinada coisa com o meu deus, sou sempre eu o artífice da transformação dessa coisa ou dessa pessoa não divina em divindade.

*que é o ser humano, para dele te lembrares,  
o filho do homem, para que o visites?  
Tu o fizeste pouco menor que os anjos,  
de glória e de honra o coroaste  
e o constituíste acima das obras de tuas mãos.*

Que é o homem? Um grão de pó, parece um grão de pó. Porém, este grão de pó é «*coroadado de glória*» – diz o salmista. Por quê? «Deste-lhe domínio sobre as obras das tuas mãos». Este grão de pó é chamado a colaborar com o Criador do céu e da terra para *levar a realidade do mundo ao seu destino*, é chamado – para usar a fantástica expressão do grande Tolkien – a ser *sub-criador*. O próprio Tolkien acreditava tão seriamente nesta vocação que, com o material que lhe foi fornecido pelo «mundo primário», foi levado a criar a criar todo um «mundo secundário», cuja beleza fascinou e não cessa de fascinar milhões de leitores. Há vocação maior do que esta? O relato da criação de Adão, em Gênesis 2, diz isto de forma simbólica, quando nos conta que primeiro o Senhor planta, *Ele mesmo*, o jardim do Éden (Gn 2,8) e depois convida o homem a “cultivá-lo e guardá-lo” (Gn 2,15). Como que a dizer: o primeiro trabalhador, o primeiro jardineiro, o primeiro “camponês” não é Adão, é o Senhor. Mas isto, por sua vez, significa: cultivar, ou seja, trabalhar a terra, não é uma tarefa de escravos, como pensavam os habitantes da Babilônia, ou seja, os inimigos culturalmente mais fortes de Israel.<sup>14</sup> É, pelo contrário, a mais honrada das tarefas, porque significa imitar o Senhor dos Senhores, o criador do céu e da terra. Mas aqui surge o engano: dizer *sub-criador*, para ficarmos com o termo usado por Tolkien, significa dizer que o homem é chamado a trabalhar uma terra que, em primeiro lugar, não foi ele que fez, uma terra que lhe foi colocada nas mãos por Outro. Eu não posso fazer nada «com nada» e «do nada». O meu trabalho aplica-se sempre a alguma coisa que não fui eu que fiz – a começar por aquela coisa que é o meu próprio eu, como Dom Gius sempre nos repetiu: «não sou eu que me faço», ainda que seja certamente verdade que também depende de mim procurar todos os dias melhorar-me, ser um homem melhor.

Ora, por que é importante ter isto presente? Por que é importante *fazer memória* disto, para usar a lindíssima fórmula giussaniana (digo lindíssima porque a expressão *fazer memória* diz que o não esquecer é já uma ação, um fazer, aliás é o trabalho mais importante que existe: com efeito, este que está aqui sentado à minha direita “faz o quê”, é consultor de empresas? Não, em primeiro lugar, é *memor Domini!*)? É importante por diversas razões, mas aqui sublinho uma: porque fazer memória disto (do fato de que o que tenho nas mãos me é confiado por Outro) não retira “glória”, ou seja, “peso, importância”<sup>15</sup> a mim e à minha ação. Antes, é o que me permite perceber como é grande esta “glória”. O que dá um peso infinito à minha ação, com efeito, não pode ser *o que faço ou quanto faço*, porque o que faço é sempre finito. Ainda que eu não seja o Novak Djokovic e vença 22 *slams*, é ainda

---

<sup>14</sup> Também nos mitos dos habitantes da Babilônia, os homens são postos pelos deuses a trabalhar a terra. Mas aí são-no na qualidade de escravos, que fazem o trabalho “sujo” que os deuses não se querem rebaixar a fazer. Na Bíblia, pelo contrário, tudo é invertido. É Deus que planta o jardim e o dá ao homem para que o goze, donde o paradoxo é que parte deste “gozar” reside exatamente no facto de ser chamado a colaborar com o Criador e a tornar o mundo um jardim cada vez mais bonito. Permito-me remeter, para um aprofundamento deste ponto, para P. Prospero, *Sulla caduta degli angeli. Indagine sulle origini del male*, Roma: Marcianum Press, 2023, pp. 166-168.

<sup>15</sup> Em hebraico, glória diz-se *kabod*, que significa precisamente “peso” (como quando se diz: aquela é uma pessoa de “peso”, ou seja, cuja presença e palavra “pesa”).

assim um número finito (com efeito, depois chega outro que vence 27 e entro em depressão!). O que faço é sempre finito. Mas eu tenho sede de uma glória infinita! Daí aquele fazer sem nunca alcançar a gratificação, que conhecemos bem: «O sujeito [escreve ainda Han] [...] desgasta-se *correndo numa roda de hamster* que gira cada vez mais rápida ao redor de si mesma». <sup>16</sup> Ora, há alguma coisa que possa resgatar as minhas ações da finitude, há alguma coisa que possa dar à minha ação um valor verdadeiramente infinito? Sim, há, como o sabe quem, dentre nós, fez e faz a experiência disso: o que introduz o *gosto* do infinito na ação – qualquer ação, aliás, a mais humilde e pequena – é o vivê-la como resposta amorosa à voz do Infinito que me chama àquela ação. O que, em pobres palavras, significa: viver a *memória de Deus*.

Ora, se eu estiver vendo bem, na raiz do que chamamos de *sujeito de produção*, está o exato oposto desta memória, ou o «*esquecimento do Deus tudo em tudo*» – para usar a poderosa expressão da Escola de Comunidade que estamos fazendo. Donde, a palavra-chave aqui é precisamente a palavra *esquecimento*, porque ela descreve com mais exatidão a dinâmica de uma negação que não é teórica, e sim prática, existencial. Se virem bem, segundo a Bíblia (o salmo responsorial da missa de ontem dizia e voltava a dizer precisamente isso) é o primeiro de todos os pecados: o pai, poderia dizer-se, de todos os pecados. Com efeito, o que quer dizer esquecer? Não significa esquecer que uma coisa é verdadeira, mas *não pensar nela, não olhar para ela, ou viver como se ela não existisse*. Assim, posso ir à missa todos os domingos e até nos feriados santos e, porém, viver *como se Deus não existisse*, ou seja, como se toda a minha consistência, ou a minha glória, o meu *pondus*, o que *me dá um “nome”*, estivessem *apenas* no que fiz, faço e farei – e não *também* no que sou *para lá* do que faço. O que sou eu para além do meu fazer? Sou o “resultado” de um contínuo e eletivo Ato de amor – *contínuo* porque eu não recebi o ser há 48 anos e agora sigo em frente sozinho, até que a bateria se descarregue. Não, eu sou *continuamente* “tirado do nada” por Outro que me faz, que me dá o ser. Bem, esquecer o *Deus tudo em tudo*, existencialmente falando, quer dizer isto: viver como se eu é que me fizesse (aqui está o *self-made man*), e não «Tu-que-me-fazes». Donde a ironia de que a contrapartida deste esquecimento seja exatamente a diminuição do *gosto de fazer*.

As consequências que tem essa perda de gosto, conhecemo-las bem: insegurança, estresse pelo rendimento, competição, invejas, ciúmes (que detestamos, mas existem), incapacidade de apreciar o sucesso dos outros (ou seja, de genuína caridade para com o próximo); um narcisismo que corrói como caruncho não apenas a nossa relação com o trabalho, mas também com os outros (o que é pior) – porque se a minha “consistência” ou “glória” está *na minha performance*, então terei continuamente necessidade de alguém que aplauda e reconheça a minha performance, que me diga: «Você é bom!» (será que isso não acontece até vezes de mais mesmo nas relações entre nós?). Os outros, como no mito de Narciso, tornam-se espelhos nos quais temos continuamente necessidade de nos olhar, para procurar a confirmação do fato de termos valor. As relações corroem-se por dentro, usamo-las sem querer, até contra o nosso querer. Porque uma pessoa queria ser gratuita, pura, sincera e gratuitamente apaixonada pelo bem dos outros, e em vez disso encontra em si esta maldita necessidade de uma afirmação de si por parte dos outros, que se insinua sutilmente em todas as relações, tornando-as malditamente políticas, confundindo-as e tornando-as ambíguas. «Infeliz que eu sou! – poderíamos gritar com São

---

<sup>16</sup> Byung Chul Han, *Sociedade do cansaço*, op. cit., p. 91; itálico meu.

Paulo – Quem me libertará deste corpo de morte? Graças sejam dadas a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor» (Rm 7,24-25).

#### 4. E nós contemplamos a sua glória: Cristo caminho, verdade e vida

Qualquer um pode intuir (mesmo quem não fez um encontro como o nosso), talvez *confusamente*, mas ainda assim intui, que esta vida não é a vida para a qual o coração é feito. O coração quer outra coisa: «Cada um confusamente um bem compreende que contente o seu ânimo, e o deseja»: <sup>17</sup> *que contente o seu ânimo*, ou seja, que lhe dá repouso, paz, liberdade verdadeira. Qualquer um *confusamente* sabe que é feito para uma “glória” que é diferente do tipo de glória que a sociedade de produção nos impele a perseguir – no trabalho, nas relações, talvez até no Movimento(!), através da busca de cargos e honrarias. Que glória? Pergunta das perguntas: qual é a *glória* que o coração verdadeiramente deseja? A resposta é simples, ainda que seja preciso «ter recebido uma grande graça», como diz Péguy, para que esta não pareça abstrata: a glória que João e André, Simão Pedro e todos os outros, viram brilhar na carne do homem Jesus:

*E nós contemplamos a sua glória, glória como do Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade. (Jo 1,14c-d)*

É no homem Jesus de Nazaré que surge finalmente no cenário da história a *vida verdadeira*, a *glória verdadeira*, aquela vida e aquela glória que o nosso coração desde sempre deseja, mas que por si próprio não poderia alcançar, mas que também nem saberia imaginar se ela não lhe tivesse aparecido à frente, como apareceu diante dos olhos de João, de Simão Pedro e do seu irmão André.

E então tentemos dizer alguma coisa sobre esta glória. Balbuciando, claro, mas devemos tentar [porque, afinal de contas, só há duas coisas – como disse uma vez Dom Giussani – das quais vale realmente a pena falar: o objetivo da vida e o caminho para lá chegar, a meta e o caminho].<sup>18</sup> E Cristo, como estamos vendo na nova Escola de Comunidade, o homem Jesus Cristo, é ambas as coisas: «Eu sou o caminho, a verdade e a vida» (Jo 14,6). «Eu sou a vida» quer dizer: “eu sou a meta, o objetivo”, porque o objetivo para o qual você é feito é entrar cada vez mais na minha vida, ou seja, na minha mentalidade, *no meu ponto de vista* sobre a mulher, sobre o trabalho, sobre todas as coisas. Este é o objetivo, senão Cristo, a familiaridade com Cristo continua a ser um bonito castelo na areia, continua a ser uma coisa que não se entende bem o que é.<sup>19</sup> Mas Cristo diz também: «Eu sou o caminho». Sou o

---

<sup>17</sup> Dante Alighieri, *A divina comédia*. v. 2. Edição bilíngue. Tradução de Ítalo Eugenio Mauro. São Paulo: Editora 34, 2010, p. 115 (Purgatório, canto XVII, v. 127-128).

<sup>18</sup> «Falar idealmente da vida quer dizer identificar o objetivo da vida e o caminho que conduz até ele. De forma alguma ele pode ser concebido ou imaginado por qualquer um de nós, mas nos é dado» (L. Giussani, *O eu, o poder, as obras*, São Paulo: Cidade Nova 2001, p. 67).

<sup>19</sup> «A fé abre para uma “mentalidade diferente” daquela em que penetramos todas as manhãs, quando nos levantamos e saímos de casa (mas também em casa): uma mentalidade diferente (a mentalidade é o ponto de vista do qual o homem parte para todas as suas ações). [...] A primeira incidência na vida do homem que a imitação de Cristo tem [...] é uma mentalidade nova, uma consciência nova, não redutível a nenhuma lei do Estado ou a um costume social, uma consciência nova como fonte e como reflexo de um relacionamento autêntico com o real, em todos os detalhes que a existência implica» (L. Giussani, *Dar a vida pela obra de Outro*, op. cit., pp. 111-112).

caminho porque é olhando para mim, seguindo-me, *ficando* comigo que você pode entrar na minha vida. Foi assim para os primeiros: «e *permaneceram com ele* aquele dia» (Jo 1,39). E é assim para nós. E então nós devemos ajudar-nos a olhá-Lo no rosto, a este Cristo. Estamos juntos para isso.

Tentemos então, pela enésima vez, identificar-nos, como Dom Gius nos ensinou a fazer, com os primeiros que o encontraram, João e André. Quantas vezes Dom Giussani nos convidou a imaginarmos o que acontece naquela famosa primeira tarde que João e André passaram com Ele, quando foram ver «*onde morava*» (Jo 1,39). Pois bem, permitam-me ousar uma variação em relação ao relato de Dom Gius. Imaginemos que não o «viram falar», apenas. Imaginemos que Jesus lhes tenha também mostrado a oficina, chamemos assim, onde tinha passado tantas horas, dias, às vezes até noites, na sua primeira juventude, a entalhar cadeiras, mesas, arados e tantas outras coisas, na companhia de José. Está bem, é improvável mesmo que tenha feito isso naquela tarde (até porque é igualmente improvável que a casa onde os levou naquele dia fosse em Nazaré, dada a distância). Mas imaginemos que o tenha feito alguma outra vez, mais à frente, quando João e André já eram seus discípulos, e ele já tinha começado a fazer milagres e era então o homem do momento, procurado e reverenciado pelas multidões. Imaginemos o espanto, aliás, o desconcerto de João – que era o mais reflexivo, o mais profundo dos discípulos – ao ver o cuidado extremo, a meticulosa paciência com que o mestre passa um dia inteiro entalhando uma cadeira – uma *única cadeira*(!) – que decidiu fazer para fulano de tal, quando lá fora está uma multidão de milhares de pessoas que espera ver algum dos seus milagres. «Mas como, estão todos à tua procura!» E ele, em vez disso, está ali e entalha, entalha, entalha... Imaginemos João, que olha à sua volta, observa as ferramentas, uma por uma, e vê passar diante dos olhos, como num rápido *flash back*, todos os anos que Jesus tinha passado ali, no anonimato, aplainando mesas – ele que com um estalar de dedos podia saciar as multidões, ele que com o fascínio da sua voz podia enfeitiçar o mundo inteiro. Por quê?

João não entendia. Naquela altura, não entendia. Entendeu depois, muitos anos depois, com a ajuda do Espírito (cf. Jo 16,12-15), porque sem a ajuda do Espírito – pode parecer um parêntesis, mas de fato não o é – não se entende nada de Cristo, e com efeito, Dom Giussani sempre nos disse que não existe nenhuma oração, nenhuma jaculatória mais importante para nós do que esta: *veni Sancte Spiritus, veni per Mariam*. Nada é mais importante do que mendigar o Espírito, porque sem a Sua ajuda fica-se sempre na antecâmara e não se entra no âmago da questão, fica-se sempre no início e volta-se a querer sempre a mesma coisa, como as crianças que querem sempre um lanche mesmo quando têm ali à sua frente o melhor e mais nutritivo bife do mundo. Pois bem, o que é que João *depois* entendeu? Entendeu que a glória que Jesus procurava não era como a que os fariseus e os escribas procuravam. Era uma glória diferente.

De que glória se tratava? «E nós contemplamos a *sua glória* – *glória como do Unigênito do Pai*»: era glória de Filho, glória de alguém para quem toda a honra, toda a vanglória, toda a satisfação estavam em responder ao Seu Pai, no dar-se instante a instante à missão que o Pai lhe dava, quer se tratasse de saciar cinco mil pessoas ou aplainar uma mesa para o senhor X. Como é bonito, neste sentido, o início do Pai Nosso! «Quando rezardes, dizei: Pai nosso que *estás nos céus*». *Que estás nos céus*. Por que *nos céus*? Porque o céu é vastidão infinita e ao mesmo tempo é luz, fonte de luz que ilumina as coisas. Não sei se já estiveram na Palestina e viram como parece a silhueta das pessoas, quando estamos no deserto e temos como pano de fundo a imensidão do céu. Pois bem, Pai nosso que *estás nos céus*, significa: Pai,

que és o fundo que envolve de infinito e de luz todas as coisas, o rosto de Nossa Senhora como o do leproso, a multidão faminta e a madeira da mesa para o senhor X.

Tudo para ele era grande, tudo. Também – e aliás, é preciso dizer ainda mais – a tarefa mais escondida, humilde e até humilhante, mortificante. Por quê? Porque «quanto mais escondido, tanto mais amor»<sup>20</sup> – escreveu Dom Giussani numa de suas impressionantes cartas juvenis a Angelo Majo. Porque era justamente aquela missão que lhe permitia espalhar ainda mais «a sua glória de Filho», ou seja, de mostrar *até que ponto* era Filho, *até que ponto* amava o Pai; e ao mesmo tempo mostrar *até que ponto* da caridade, ou seja, da paixão pelo bem de cada indivíduo, que da paz daquela Filiação irrompia nele. «Poxa, Senhor, faz um belo milagre diante de todos, para que o mundo creia!» (cf. Jo 7,4!). E, em vez disso, nada: hoje, nada de milagres. Hoje ele entalha. Por que hoje entalha? Para que também o senhor X saiba que vale tanto quanto os cinco mil, para que o senhor X saiba que vale um dia do Rei.

Para dizer a verdade, também a sua forma de fazer milagres muitas vezes era estranha. Como daquela vez, quando em Caná da Galileia tinha mudado a água em vinho, o seu primeiro “grande” sinal. Aquele com que – assim relata João – tinha pela primeira vez *manifestado a «sua glória»* (Jo 2,11). Pena que mesmo entre os presentes na festa muito poucos tivessem sabido o que tinha feito, se for verdade que quem arrecadou os louros do chefe de mesa por ter fornecido um tão delicioso vinho foi o esposo, não Ele!<sup>21</sup> Uma estranha forma de «manifestar a sua glória»... Tão estranha que nos é espontâneo perguntar: mas que glória é esta? A «*sua glória, [...] cheio de graça e de verdade*» (Jo 1,14b). Uma glória diferente da que os homens procuram, é verdade. Porém, no fim das contas, a única glória realmente «cheia de graça e verdade», ou seja, a única glória que realmente corresponde ao coração, ao nosso coração.

Qual é a glória para a qual o homem é feito? Segundo a Bíblia, sabemos, a resposta é esta: tornarmos semelhantes a Deus, assemelharmo-nos a Deus (Gn 1,27). Mas o que quer dizer assemelhar-se a Deus? Eis a verdadeira pergunta. De fato, se Cristo não tivesse vindo, nós não teríamos senão uma vaguíssima ideia do que isto significa. Simplesmente porque «a Deus, ninguém jamais viu» (Jo 1,18): «A Deus, ninguém jamais viu», escreve João no final do prólogo do seu Evangelho. Ninguém a não ser ele, o homem Jesus: «O Deus Unigênito, que está no seio do Pai, foi quem o revelou» (Jo 1,18) – ele viu a Deus, conhece-O e por isso move-se enquanto homem da forma que se move: para imitar aquele Deus que Ele viu, para refletir em cada gesto seu, em cada movimento seu, a glória daquele Deus que só Ele viu. E como é esse Deus? O que é que, afinal de contas, só Ele sabe de Deus, enquanto os fariseus, que, porém, sabem de cor todas as Escrituras, não sabem? Que Deus é caridade, *Deus caritas*

---

<sup>20</sup> «O amor só está encerrado na ação que estamos realizando: qualquer ação; e quanto mais silenciosa, e limitada em relação ao desejo impetuoso e expansivo do coração, tanto mais “amor”» (L. Giussani, *Lettere di fede e di amicizia ad Angelo Majo*, Cinisello Balsamo-Mi: San Paolo, 2007, p. 38). Também numa carta anterior, o jovem Giussani insistira já na mesma ideia, aplicando-a ao estudo: «E agora volto aos meus livros: e penso que é desde março até hoje [...] que estou debruçado sobre os livros, com uma intensidade de estudo igual àquela, tão exigente, do liceu clássico. Estou cansado?... Esta limitação, esta solidão, esta silenciosa e cansativa renúncia à expansão viva do ímpeto de afeto que me transborda no coração é mesmo um grande sacrifício. Vou fazê-lo durante toda a vida. Justamente porque é puro sacrifício, agudíssimo sacrifício, silencioso e ignorado sacrifício» (Ibidem, pp. 32-33).

<sup>21</sup> «O mestre de cerimônias provou a água transformada em vinho, sem saber de onde era, embora o soubessem os serventes que haviam tirado a água. Então chamou o noivo e disse-lhe: “Todo mundo serve primeiro o vinho bom e, quando os convidados já beberam bastante, o inferior. Tu guardaste o vinho bom até agora» (Jo 2,9-10).

*est*, diz São João.<sup>22</sup> Deus é *puro dom de si*, traduz Dom Giussani.<sup>23</sup> O que Jesus sabe e que os fariseus e os escribas não sabem, é que a glória do verdadeiro Deus é glória de um Deus cuja alegria, cuja vida não consiste em mais nada senão em dar-se todo a si, toda a sua substância a Outro, ao Filho. Deus é caridade, dom de si total. Em que o Pai se apraz? A alegria do Pai está toda no dar ao Filho *tudo aquilo que é seu*. É isto que Jesus sabe e que os seus adversários ignoram.

A este ponto, poder-se-ia objetar: o que é que muda saber ou não saber “como é Deus”? Muda tudo! Porque, como dissemos, todos aspiramos a “ser como Deus”, não há nada a fazer. Não só os fariseus e os escribas, mas também nós. Conscientemente ou não, é o que todos desejamos. É errado? Não, não é errado. Foi Deus que nos fez assim: «Façamos o homem à nossa imagem e semelhança» (Gn 1,27), diz o Livro do Gênesis. O problema então é outro. O problema é que sem Cristo, sem a graça do encontro com Ele, é como se ficasse impossível chegar a entender o que quer dizer «ser como Deus». E isto acontece, dissemos, porque não conhecemos a Deus! Jesus, pelo contrário, conhece-o, como Ele repete continuamente nos diálogos mantidos com os fariseus que temos lido na missa nestes dias: «Se dissesse que não o conheço, seria um mentiroso como vós; mas eu o conheço e guardo a sua palavra» (Jo 8,55). «Eu conheço-o, crede-me, conheço-o! E por isso me movo como me movo, vou aonde vou, faço o que faço». É na medida em que conhece o Pai que Jesus procura a glória que procura. Que glória? A glória que encontra no servir, no dar-se totalmente para que João viva, para que Simão viva, para que André viva, tal como o Pai encontra Sua glória em gerá-Lo, em amá-Lo: «Como meu Pai me amou, assim também eu vos amei» (Jo 15,9a).

Não há para mim cena, em todos os Evangelhos, em que tudo isto seja de forma mais forte e, ao mesmo tempo, mais impressionantemente expresso (não por palavras, diga-se, não por palavras, mas com um gesto, uma ação) do que o lavar dos pés, tal como é contado no capítulo 13 do Evangelho de João. E então, acabamos colocando-nos juntos diante desta cena, que é verdadeiramente o ícone supremo da concepção nova de trabalho, aliás, do *gosto* novo da ação, que Cristo trouxe ao mundo e que, por osmose, se comunica pouco a pouco também a nós, se tivermos a simplicidade de estar com ele, de ficar ligados a Ele, presente na nossa companhia:

*<sup>2</sup>Iniciou-se a ceia, [...] <sup>3</sup>Jesus, sabendo que o Pai **tinha entregue tudo em suas mãos** e que saíra de Deus e para Deus voltava, <sup>4</sup>levantou-se da ceia, tirou o manto, pegou uma toalha e amarrou-a à cintura. <sup>5</sup>Derramou água numa bacia, pôs-se a lavar os pés dos discípulos, e enxugava-os com a toalha que trazia à cintura.*

Só um breve chamado de atenção para dois pontos, para comentar estas poucas mas grandiosas linhas. Primeiro ponto: «*Iniciou-se a ceia*»: em João, é sempre nos pormenores, nos aspectos particulares aparentemente marginais, que reluz o que é maior. É assim aqui: não *antes* da ceia nem *depois* da ceia, mas Jesus levanta-se para lavar os pés aos seus *durante* a ceia – o que parece absurdo, insensato. Mas como? Levantas-te para lavar os pés aos teus no meio do banquete? «Sim, quero fazê-lo no meio do

---

<sup>22</sup> «Como se explica a natureza de Deus, como ela nos foi explicada por Ele, para além de todas as imagens que as filosofias humanas puderam construir? Uma fonte de ser que se doa totalmente, e assim é gerado o Filho, e nesse relacionamento jorra uma energia amorosa e comovida tal qual a deles, que é o Espírito Santo. Com efeito, São João diz que *Deus caritas est*, Deus é amor» (L. Giussani, *É possível viver assim?*, São Paulo: Cia. Ilimitada, 2008, p. 285).

<sup>23</sup> Cf. L. Giussani, *É possível viver assim?*, op. cit., pp. 271-279.

banquete». Por quê? Mas é óbvio! Para dizer aos seus que, para ele, para o homem Jesus, lavar os pés aos seus é um prazer, uma ação que sente gosto em fazer, tal como sente gosto em beber um copo de bom vinho.

Segundo ponto: *Sabendo que o Pai tinha entregue tudo em suas mãos* (sabendo que era chegado o momento de assumir o trono que o esperava, sabendo que estava destinado a reinar sobre todo o mundo) *e que saíra de Deus e para Deus voltava, levantou-se da ceia*, etc.

«*Sabendo que*»: aqui temos um daqueles raros momentos em que é como se João nos permitisse espreitar por um instante o coração humano de Cristo, aquele coração a cujo íntimo ele, o discípulo amado, teve mais acesso do que qualquer outro – relembro, já agora, que João não só era o mais próximo de Jesus durante a ceia, como também escreve o seu Evangelho sob inspiração do Espírito Santo, por isso não nos conta histórias. E o que diz? Que o Senhor, a uma dada altura da ceia, está tão dominado pelo pensamento de que a Sua hora já chegou, a hora em que deve cumprir a obra que o Pai lhe confiou, antes de voltar para Ele, que é como se já não conseguisse estar ali sentado, deitado. Tem de dizer aos seus aquilo que está para fazer. Aliás, mais do que dizer, deve fazer um gesto, um gesto que seja como que o símbolo daquilo que está prestes a fazer – que é a sua maior obra, a obra que lhe dará o poder sobre todo o universo, que é morte de cruz(!). E qual é esse gesto? «Levantou-se da ceia» – imaginemos este Jesus, que se levanta, todo consciente da sua régia missão – levantou-se da mesa e... e o que fez? «Tirou o manto, pegou uma toalha e amarrou-a à cintura. Derramou água numa bacia, pôs-se a lavar os pés dos discípulos.» Ora essa! como é que se conjugam a imagem deste Jesus que se levanta com o olhar de um soberano que parecia estar prestes a fazer sabe-se lá o quê, e o gesto de escravo que faz a seguir? Conjugam-se porque isto quer dizer, para Jesus, ter «tudo nas mãos», (Jo 13,3): usar as suas mãos “venerandas” para lavar os pés aos seus.

Aqui está: a revolução cristã, a revolução que Cristo introduz na forma de conceber não só o trabalho, entendido como profissão, mas qualquer ação, está toda aqui, nesta mudança de perspectiva para a qual uma ação, que aos olhos do mundo parece humilhante, mortificante, se enche de glória, de grandeza e por isso de gosto – um gosto que é incomparavelmente superior até ao maior sucesso profissional.

Deixem então que leia para vocês, quase como que coroados todo o percurso feito, uma carta (recebi-a ontem) que um amigo de Boston me enviou. Chama-se Luca, e esteve doente, com uma leucemia grave, no período em que a mulher estava grávida do seu terceiro filho. É assim que Luca descreve o que viveu e aprendeu no misterioso tempo da doença: «Quero lhe contar a experiência que fiz nos últimos dois anos, desde que, em outubro de 2020, me foi diagnosticada uma leucemia aguda e fui internado para fazer quimioterapia e um transplante de medula, tudo no espaço de um par de meses e quando a minha mulher estava à espera, de oito meses, do nosso terceiro filho, Carlo, chamado assim por causa do Beato Carlo Acutis, que contribuiu para a minha cura [ainda por cima, está sepultado aqui em Assis]. O Carlo nasceu quando eu estava internado em isolamento absoluto, três dias depois do transplante. Durante muitos meses estive debilitado e incapaz de fazer o que quer que fosse, como montar um “lego” com o Giovanni, nosso filho mais velho, que tem agora nove anos. Perguntei-me muitas vezes que valor tinha naquelas condições, num mundo em que, se não consegue fazer nada, você não é nada. Três ou quatro meses depois do transplante, pus pela primeira vez os pés lá fora, no jardim, mal conseguia andar. O Giovanni veio falar comigo e me disse: “Vamos, pai, vamos jogar bola”. Isso me fez voltar a entender quem sou: para ele, eu era simplesmente o seu pai. Não tinha

sequer percebido o quão debilitado e incapaz eu estava. Entendi que uma pessoa descobre o seu valor pela forma como é olhada por quem a ama, que é sinal de Cristo que me ama. Só na relação com um amor gratuito é que eu entendo o meu verdadeiro valor».